

OS PROCESSOS INFERENCIAIS NUMA REDAÇÃO ESCOLAR

Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze (UNIR)

rosa_nechi@hotmail.com

RESUMO

O artigo teve o propósito de investigar o processo inferencial que é gerado na compreensão do texto, tendo por análise um exemplo de redação escolar em forma de uma notícia. Analisar também que o gênero resulta de atividades cognitivas construídas na comunicação oral ou escrita através da compreensão. Argumentamos que o gênero surge como um meio de comunicação nas práticas sociais por isso, é construído a partir de conhecimentos objetivos, intenções, propósitos e crenças pelo falante. O processo inferencial cognitivamente ativado permite que os diversos tipos de conhecimentos partilhados sócio-historicamente possibilitem e tornem possível a compreensão dos gêneros em textos numa relação de negociação cognitiva e sociointerativa. Utilizamos autores como Marcuschi, Bronckart, Miller e Koch.

Palavras-chave: Gêneros. Processamento textual. Inferência.

1. Introdução

O gênero discursivo se tornou um empreendimento multidisciplinar²⁰ cada vez mais presente nos estudos voltados para análises do texto e do discurso e também, estudos que procuram responder a questões de natureza sociocultural voltadas para o uso da língua. (MARCUSCHI, 2008, p. 149)

Os gêneros discursivos constituem o lugar em que se acham as intenções comunicativas e as necessidades de interação dos sujeitos. Desta forma, todo ato discursivo se manifesta de acordo com um dado gênero, por esta razão que o gênero é lugar de contato com o outro. Este contato envolve confronto de valores, apego, estima, entre outros aspectos que desencadeiam posições discursivas mediadas por gêneros.

Marcuschi (2005, p. 21) afirma que os gêneros contribuem para estabilizar, sequenciar e ordenar as atividades comunicativas do nosso cotidiano. Assim, o autor postula que os gêneros "são entidades sociodis-

²⁰ Várias pesquisas recentes têm tratado da questão dos gêneros discursivos, não só em linguística como em outras disciplinas: literatura, retórica, sociologia, ciências cognitivas, entre outras e, sobretudo, no ensino de línguas.

cursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa".

Ao passo que os gêneros são formas de ação social, mostraremos que o gênero discursivo se cria pela construção da linguagem produzida que origina o texto – durante a comunicação, a linguagem construída dá forma ao gênero. “Toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. (MARCUSCHI, 2008, p. 154)

Podemos, portanto, dizer que; as estruturas linguísticas criadas pelo texto são resultado de atividades cognitivas que só se realizam por meio de algum gênero. O gênero é gerado num processamento textual por meio de estratégias de uso ou cognitivas de vários tipos de conhecimento que os falantes/ouvintes têm armazenado na memória, a saber: o conhecimento linguístico que compreende o conhecimento gramatical e lexical, sendo o responsável pela articulação som-sentido. É ele o responsável, por exemplo, pela organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar a remissão ou a sequenciação textual, pela seleção adequada ao tema e ou aos modelos cognitivos ativados; o conhecimento enciclopédico (conhecimento de mundo) aquele que se encontra armazenado na memória de longo tempo, também denominada semântica ou social. Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo; e o conhecimento interacional conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de “*inter-ação*” por meio da linguagem. Engloba o conhecimento do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. (KOCK, 2006, p. 48)

Tais estratégias de uso chamadas procedurais consistem nas instruções dadas para cada escolha feita no curso da ação. Estas estratégias são construções mentais²¹ que providenciam a formação, atualização e reformulação do conhecimento enciclopédico. Durante a construção destes modelos, as crenças, as convicções, atitudes interferem no processo – na situação do texto. (KOCH, 2006, p. 45-50)

Na verdade, as estratégias são construções táticas ativadas na memória pelos esquemas ou modelos que processam simultaneamente vários tipos de informação, permitindo pequenos cortes do conteúdo – material ativado na memória, para chegar a uma hipótese de interpreta-

²¹. Modelos construídos – formas de representação dos conhecimentos na memória pelos membros dos grupos sociais. (KOCH, 2006, p. 43)

ção que é a informação processada, dando origem aos gêneros como "formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem" (MARCUSCHI, 2008, p. 156). Já que os falantes fazem uso da linguagem de modo individual e o gênero se manifesta tanto na fala como na escrita como atividades situadas; a situação e o contexto social, histórico e cultural em que o gênero é produzido torna-se parte integral do ato de fala, razão pela qual o gênero é construído sob certas condições, certos conhecimentos e determinados objetivos, intenções, propósitos e crenças pelo falante-ouvinte.

Para Marcuschi (2008, p. 243), "os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular". Cada gênero possui uma leitura e uma compreensão diferente, não se pode ler uma notícia de jornal como a um artigo científico. Por isso, os gêneros não constituem simples formas textuais, mas formas de ação.

Os efeitos de sentido num determinado gênero são produzidos pelos leitores – ouvintes num trabalho interativamente construído, uma vez a compreensão que é originada do conhecimento do leitor-autor e falante-ouvinte vem da relação entre ambos e das atividades desenvolvidas durante a comunicação.

Assim, quando elaboramos um texto, estamos criando algum gênero particular, mas a compreensão deste, enquanto atividade construtiva e sociointerativa, não está no autor, nem no texto, nem no leitor, mas numa relação de negociação cognitiva.

Por isso, a contribuição do processo inferencial²² na constituição dos gêneros é fundamental, visto que as inferências são *processos cognitivos* que funcionam como hipóteses coesivas para leitor-autor durante o processamento textual.

As inferências permitem a geração de novas informações semânticas, levando em consideração as informações conhecidas, pois somente partes das informações de diversas operações cognitivas são explicitadas na superfície textual, ficando grande parte delas implícitas. Por isso, as inferências consistem em estratégias mediante as quais o leitor e autor, tendo como base as informações veiculadas na superfície e levando em conta o contexto de fala ou escrita, podem construir novas representações

²². Para esta exposição, tomo a *inferência* como um ato de inserção num conjunto de relações (proposicionalmente expressáveis) com a finalidade de produzir sentidos, de inferir.

mentais, estabelecendo ou não uma conexão com os segmentos textuais já explicitados

O processo inferencial, enquanto estratégia cognitiva expressa o conhecimento, tornando explícito o que está implícito. Conforme postula Marcuschi (2007, p. 88) "é impossível não inferir quando se produz significações". Assim, a significação construída no momento da compreensão ocorre como um ato de explicitação do processo inferencial. O sentido efetivamente construído é a explicitação de inferências realizadas pela linguagem no gênero discurso. O conhecimento produzido torna-se uma construção sociodiscursiva.

Assim, o estudo dos gêneros proposto neste artigo vem de um projeto de pesquisa realizado no primeiro semestre de 2013 com universitários de curso de letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, cujo objetivo foi a verificação dos conhecimentos adquiridos por estes acadêmicos sobre os fundamentos que regem os gêneros discursivos e o diagnóstico do uso em suas produções textuais.

A metodologia se constituiu de aulas teóricas para o estudo da categoria de gêneros jornalísticos. Os sujeitos foram acadêmicos dos cursos de letras: português dos 3º, 4º semestres desta Universidade.

Para o trabalho em sala de aula durante a pesquisa, utilizamos alguns procedimentos: a observação dos gêneros discursivos em jornais, revistas; leitura e seleção de notícias e editoriais que circularam na mídia durante a semana: jornais, TV, revista, internet, rede social etc.; discussão em sala de aula do gênero notícia e editorial; aula expositiva sobre os conceitos de gêneros; seleção de temas para elaboração de notícias e editoriais; novas discussões em sala sobre elaboração dos gêneros; elaboração de um quadro-síntese; elaboração dos gêneros: notícia e editorial pelos acadêmicos.

O resultado da pesquisa deu origem a uma variedade de produções de redações escolares em forma de gêneros como o editorial e a notícia. Os acadêmicos conseguiram produzir estes textos: editorial e notícia, o que foi naturalmente possível, uma vez que tais gêneros circularam na sala de aula durante a pesquisa e propiciaram o contato e a interação dos alunos com esses gêneros.

As discussões em aula, após a construção dos textos pelos acadêmicos, foram interessantes em relação à compreensão do texto pelos interlocutores, as inferências interpretativas realizadas, ali compartilhadas,

pelas quais os acadêmicos participaram com suas experiências e vivências de mundo, expressando seu descontentamento com a realidade, a sociedade, a economia e política atual.

Neste artigo, para a análise do processo inferencial, utilizamos uma *redação escolar* em forma de notícia.

Assim, utilizamos os embasamentos teóricos dos gêneros discursivos, como resultados de intenções e propósitos comunicativos concretizados em enunciados, entre outros que apresentam a necessidade socio-comunicativa em situações sociais inseridas nos gêneros e ainda a ideia de que os gêneros são gerados por estratégias cognitivas e por processos inferenciais para constituir o foco da análise.

2. Os gêneros discursivos

Os gêneros são unidades de sentido com propósitos comunicativos, pois manifestam diferentes intenções do produtor: informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir etc. Marcuschi (2008, p. 155) diz que

Os gêneros que encontramos em nossa vida diária apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, e objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas [...]

Assim, os gêneros não se definem por características linguísticas e estruturais, mas sim por aspecto sociocomunicativos e funcionais, visto que possuem baixo grau de autoria individual e são fruto de ações sociais coletivas.

Para Marcuschi (2005, p. 22) "é impossível pensar em comunicação sem que esta esteja inserida nos gêneros discursivos como práticas sociais com propósitos comunicativos concretizados em enunciados", ou seja, textos.

Logo, quando falamos ou escrevemos, criamos textos e; o discurso é aquilo que um texto produz quando nos manifestamos em instâncias discursivas mediante gêneros. Podemos dizer, de acordo com Marcuschi (2008, p. 154), que "o texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero", noção que infere que todas as atividades discursivas se manifestam em gêneros.

Assim, o texto, além de ser uma entidade materializada e corporificada em algum gênero, é também, para Marcuschi (1999, p. 8) "um evento que surge na produção de sentido que resulta de atividades cognitivas e é mediado pelas experiências socialmente partilhadas". A experiência é imediata a cada produção de sentido, não necessariamente se tornar parte das propriedades da língua, ou seja, um aspecto, que com o tempo poderia não fazer parte imanente da língua. A experiência é um guia para fins de produção de sentido (MARCUSCHI, 1999, p. 8). Como atividade, a língua vai mudando de acordo com as mudanças sociais e históricas.

Por isso, a língua constitui uma atividade cognitiva, social e histórica. Constitui uma forma de ação social e histórica, atividade constitutiva da linguagem e não um mero instrumento de representação dos fatos.

Marcuschi (2005, p. 29) diz ainda que "quando dominamos um gênero discursivo, não dominamos uma forma linguística, e, sim, uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares". Por isso, os gêneros discursivos consistem em atividades sociodiscursivas de inclusão em práticas comunicativas situadas.

E, como postula Bronckart (2009, p. 143), de um ponto de vista textual, a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização e depende de escolhas de operações cognitivas no ato na enunciação.

Qualquer produção de texto implica, conseqüente e necessariamente, escolhas relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística. Nessa perspectiva, os *gêneros de textos* são produtos de *configurações de escolhas* entre esses possíveis, que se encontram momentaneamente "cristalizados" ou estabilizados pelo uso. Tais escolhas dependem do trabalho que as formações sociais de linguagem desenvolvem, para que os textos sejam adaptados às atividades que eles comentam, adaptados a um dado meio comunicativo, eficazes diante de um desafio social etc.

É a plasticidade e a possibilidade de ampla operação na linguagem que dá aos gêneros enorme capacidade de adaptação para cada situação discursiva.

Por isso, o sistema de conhecimentos – o linguístico, o enciclopédico e o interacional – bem como as crenças, intenções, convicções, interesses de sujeitos discursivos dão aos gêneros a possibilidade e maleabilidade de operação discursiva pelas quais o gênero discursivo se realiza enquanto ação social. Isso permite ao gênero discursivo a ausência de ri-

gidez na forma e a capacidade de adaptação da linguagem em diversificadas situações sociais. É o que postula Miller (1984).

Para a autora, o gênero é “ação social”, o gênero numa definição retórica

[...] não deve centrar-se na substância nem na forma do discurso, porém na ação que o discurso é usado para realizar.

O gênero constitui mais que uma entidade de forma, uma vez que é envolvido pela pragmática e pela retórica, tornando-se o ponto de conexão entre a intenção e o efeito, um aspecto social. O gênero, sendo uma ação social, requer significados e contexto social para cada situação na qual está inserido. (MILLER, 1984, p. 151)

3. O processamento textual, as estratégias cognitivas e o processo inferencial

Para Koch (2006, p. 50) o processamento textual consiste no uso estratégico de ordem sociocognitivo que armazena vários tipos de conhecimentos na memória. Para a autora "o processamento cognitivo de um texto incide sobre diferentes estratégias processuais que dão a instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação". Estas estratégias são hipóteses operacionais eficazes sobre a estrutura e o significado de um texto inteiro ou fragmento. Assim, a autora diz que

Falar em processamento significa dizer que os usuários de uma língua realizam simultaneamente em vários níveis passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e extremamente rápidos: fazem pequenos cortes no material “entrante” (*incoming*), podendo utilizar somente informações ainda incompletas para chegar a uma (hipótese de) interpretação. Em outras palavras, a informação é processada *on-line*. (KOCH, 2006, p. 50)

Para que o processamento cognitivo ocorra há necessidade de conexão das estratégias cognitivas entre si, ou seja, de características textuais e também de características dos usuários da língua: convicções, crenças, objetivos, conhecimento episódico e conhecimento de mundo. As estratégias cognitivas incidem em estratégias de uso do conhecimento que os usuários dispõem. A quantidade de conhecimento disponível no momento da fala ou produção escrita se torna crucial, porque irá permitir no momento da compreensão, "reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor, mas outros sentidos não previstos pelo produtor". (KOCH, 2006, p. 50)

Para Koch (2004, p. 26), "as estratégias cognitivas constituem aquelas em que os interlocutores executam um *calculo mental* para o processo de compreensão". Neste processo acionam-se as inferências para que as informações possam ser interpretadas. É através do processo de inferenciação que se pode compreender o que é dito e, partindo disso, construir sentidos, mediante associações com conhecimentos já programados na mente dos interlocutores através dos processos cognitivos e com os conhecimentos que adquirem nas práticas sociais.

Neste sentido, todo processo de compreensão comporta atividades no nível da enunciação como um processo ativo e contínuo de construção e reconstrução, no qual as unidades de sentido ativadas e reativadas se conectam a elementos adicionais do conhecimento, que advêm de um modelo ativado na memória. Por isso, o falante-interlocutor, durante a produção, já presume as inferências para tal enunciação, deixando implícitas partes das informações, uma vez que pressupõe que seu ouvinte-interlocutor venha a preencher essas lacunas sem dificuldade por meio da ativação de seus conhecimentos.

Desse modo, um texto só se torna coerente para o ouvinte se ele souber fazer bom uso das inferências.

4. Análise de um exemplar de redação escolar em forma de notícia

Esta análise tem como objeto uma "notícia de jornal" de um aluno do 4º semestre do curso de letras da UFIR.

Carro de Órgão Público Atropela Jovens

No dia 23 de julho de 2011 por volta das 20 h na noite de sábado, um carro do estado atropelou dois jovens que estavam em uma motocicleta modelo Titan de cor azul. O acidente aconteceu na Av. Jorge Teixeira esquina com a Rua Calama. O motorista deixou o local sem prestar socorro aos jovens Francielder da Silva (23 anos) e Mayara Tayana (21 anos). Francielder só teve escoriações. A jovem Mayara sofreu traumatismo craniano e está na UTI da UNIMED. Segundo os médicos, o estado de saúde da jovem é grave. Segundo a perícia, o motorista do carro estava em alta velocidade, o infrator ainda não identificado poderá ser condenado por crime doloso.

A notícia inicialmente chama a atenção do público leitor com o título *Carro de Órgão Público Atropela Jovens* inferindo que não foi um carro comum que atropelou os dois jovens, mas um carro oficial de algum órgão público: federal, estadual ou municipal. Porém, logo na primeira linha do corpo do texto é citado *Carro do Estado*, e assim se pode

comprovar o órgão a que pertence o carro. Em seguida, na sequência de enunciados: *O motorista deixou o local sem prestar socorro aos jovens que **infer**a fuga do motorista, a irresponsabilidade, o uso indevido do carro público pelo motorista.* Em seguida os enunciados: *a jovem Mayara sofreu traumatismo craniano e está na UTI. Segundo os médicos o estado de saúde da jovem é grave, infer*e **que a jovem poderá morrer ou ficar com paralisia cerebral por falta de socorro do motorista.**

Em continuidade, a notícia mostra que o motorista cometeu uma infração no trânsito, uma violação das leis, fato este que pode levá-lo a responder pelo crime: *Segundo a perícia, o motorista do carro estava em alta velocidade.* Este enunciado evidencia mais uma vez a irresponsabilidade e a imprudência do motorista. Por fim, o enunciado: *O infrator não identificado poderá ser condenado por crime doloso* deixa transparecer uma intenção do autor em desejar que o motorista seja preso e punido, uma vez que o autor utiliza o termo “infrator” na notícia para referenciar o motorista e também por este enunciado inferir **que o motorista é um criminoso, merece ser punido pelo crime cometido.**

Pela leitura, observamos que as inferências compreendidas nesta notícia: *não foi um carro comum que atropelou os dois jovens, mas um carro oficial de algum órgão público: federal, estadual ou municipal; a fuga do motorista, a irresponsabilidade, o uso indevido do carro público pelo motorista; a jovem poderá morrer ou ficar com paralisia cerebral por falta de socorro do motorista; o motorista é um criminoso, merece ser punido pelo crime cometido,* resultam de um processamento textual, uma vez, ativadas as estratégias cognitivas que permitem gerar novas informações de diversos níveis para os interlocutores durante a compreensão.

Os interlocutores executam um “cálculo mental” e acionam as inferências por meio das estratégias cognitivas, trazendo para a superfície textual as informações que até então estavam implícitas. As inferências são interpretadas pelos interlocutores, partindo do contexto porque também são ativados na memória os diversos conhecimentos enciclopédicos, linguístico etc. somados às experiências de mundo, às intenções comunicativas, às convicções, às crenças e ao objetivo que permitem a efetiva compreensão do gênero discursivo notícia.

Os vários tipos de conhecimentos que são partilhados sócio-historicamente possibilitam a compreensão do texto além da informação básica que a notícia fornece sobre o acidente dos dois jovens, da internação

da jovem e da fuga do motorista. É possível extrapolar o sentido, construir outros sentidos para a notícia, intencionados ou não pelo autor, que são evidenciados durante o processamento textual através das inferências: o Estado ao invés de cuidar do trânsito, sinalizando melhor as ruas e avenidas, controlado a velocidade dos veículos, pavimentando as ruas e avenidas, colocando mais policiamento de trânsito, está “matando” inocentes no trânsito envolvendo-se em acidentes.

Exemplificando, durante o processamento textual, os interlocutores, para poder processar cognitivamente as informações, realizam simultaneamente, em vários níveis, passos interpretativos que vão sofrendo pequenos cortes enquanto material “entrante” na memória. No caso do gênero notícia, para a compreensão do enunciado: "O motorista deixou o local sem prestar socorro aos jovens": os interlocutores processam o material “entrante” na memória, constituindo hipóteses rapidamente interpretativas, realizando construções cognitivas extremamente rápidas para a reformulação do que será efetivado na compreensão textual. (KOCH, 2006)

Durante esse processo cognitivo surgem as inferências que são as hipóteses interpretativas *on-line* que providenciam outras construções cognitivas: *o motorista fugiu porque é irresponsável, porque ficou com medo, fugiu porque é funcionário público, porque não tinha carteira, porque estava usando o carro indevidamente para uso particular etc.* Os interlocutores executam uma seleção *on-line* na memória, para chegar a um hipótese interpretativa para a compreensão, não sendo necessário usar tudo que a memória processou. Pelo conhecimento enciclopédico partilhado, pelas crenças, experiência de mundo, convicções etc., os interlocutores sabem atribuir sentido ao texto e interpretar todas as informações necessárias, por meio das *inferências*.

Assim, os gêneros se constroem neste processo cognitivo durante o processamento textual, são produtos das estratégias de uso dos vários tipos de conhecimentos, estão inseridas em atividades discursivas, adaptados a um dado meio comunicativo, a uma dada situação social. Como postula Marcuschi (2005, p. 22) "os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de alguma forma".

Nestes temas, os efeitos de sentido num determinado gênero são construídos pelos interlocutores num trabalho sociointerativo, o que permitiu a construção desta notícia, visto que a compreensão é originada pe-

los interlocutores numa relação de construção de sentidos de ambos: autor e leitor na interação discursiva situada.

Neste processo de construção surgem outras hipóteses interpretativas inferenciais que são reconstruídas como *novas informações*, não explicitadas diretamente do texto notícia analisado: uma sociedade que está se tornando a cada dia mais elitizada e pondo amostra o descaso do Estado com os causas sociais da população, a situação de abandono dos compromissos com a sociedade; na falta de compromisso com a saúde e a educação; a escassez do trânsito; carência na segurança pública, que estão presentes em grande parte dos estados do Brasil e que acabam por deixar a população cada vez mais descrente, fragilizada, desprotegida e descontente.

5. *Considerações finais*

O estudo procurou discutir pela análise de um texto de notícia em que o gênero discursivo é construído num processamento textual por meio de estratégias cognitivas que possibilitam a compreensão do discurso num processo sociocognitivo. O uso das inferências enquanto processo cognitivo que gera novas informações contribui decisivamente para a interpretação e compreensão do gênero/discurso a partir dos conhecimentos que o envolve e das interferências das crenças, convicções, objetivos, interesse de valores que são partilhados nas situações discursivas pelos interlocutores.

Procuramos conceituar o gênero discursivo com fundamentos teóricos que abarcam os gêneros, enquanto eventos comunicativos manifestados verbalmente com objetivos específicos em situações sociais particulares.

A redação escolar analisada caracteriza o gênero notícia, principalmente, pela sua estrutura textual, o que diferenciaria a noção de gênero propriamente dita nos termos de Marcuschi, pois "o texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero". Noção que nos concerne que todas as atividades discursivas se manifestam em gêneros.

A contribuição deste artigo é mostrar o trabalho com o estudo dos gêneros textuais em sala de aula, conscientizar o professor de que não se pode mais ensinar a produção de texto, desvinculada da teoria dos gêneros textuais.

Sem o estudo dos gêneros textuais, corre-se o risco de continuarmos incorrendo na artificialidade das produções textuais, executadas apenas como tarefa escolar e destinadas ao leitor-professor-avaliador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEAUGRANDE, Robert de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Organização de Ana Raquel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio; tradução de Anna Rachel Machado et al. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. E SIEBNEICHER BRITO, K. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória, 2005.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionamento. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

_____. Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos na produção de sentidos. *Revista do GELNE*, Universidade Federal de Pernambuco, ano 1, n. 1, 1999.

MILLER, C. R. Genre as Social action. *Quarterly, Journal of Speech*, n. 70, p. 151-167.